

pele-casa-ovo

por Juliana Pautilla



Texto crítico a partir do processo de
acompanhamento da artista Danna Durãez

Pele-casa-ovo¹

Por Juliana Pautilla²

Acompanho o trabalho de Danna Durãez³ desde de 2022. Mantemos encontros quinzenais ininterruptos, com alguns poucos momentos de pausa. Durante esse processo houve uma uma mudança importante na produção da artista. Uma passagem do corpo do outro ao próprio corpo.

Danna começou a fotografar em 2011 ainda na Graduação em Artes Visuais, na Universidade Tuiuti do Paraná. Essa escolha se deu quando encontrou um vestido de criança dentro de uma caixa de papelão e o fotografou. Era um vestido que havia sido costurado pela sua mãe quando a artista era bebê, com 7 meses. A fotografia foi um disparador para pensar sua relação consigo: “como meu corpo coube naquele pequeno vestido?”, perguntou. Pela via da fotografia - ver o vestido, capturar a imagem e tentar relembrar o passado - seu corpo adulto olha para a infância. Doze anos depois, em 2023, a artista começa a fazer autorretratos, aprofundando na pesquisa pessoal, o autoficcional como gesto emancipatório, desencarnado do corpo da infância narrado-costurado pelo outro, ato performativo de afirmação de si e autoconhecimento.

Surge aí um elemento importante que é a performance para a câmera, a relação com o gesto e o movimento, a preparação para se colocar diante do olho da máquina. A câmera fica no tripé, a artista reposiciona ângulos, dependendo da luz, da motivação, da intenção gestual. Sua performance suscita um estado anímico entre a entrega e o

¹ Texto crítico a partir do processo de acompanhamento da artista.

² Juliana Pautilla (Belo Horizonte, 1973). É artista e psicanalista. Vive em São Paulo. Atua na clínica e no campo da arte. Graduada em Música/UEMG (2013), mestre em Artes Cênicas/UFMG (2014), especialista em Análise de Movimento/Faculdade Angel Vianna (2015). Percurso psicanalítico: esquizoanálise e filosofia da diferença no Núcleo de Subjetividades da PUC-SP (2022-atual). Estudos freudianos, trauma e violência de estado na REM - Rede para Escutas Marginais (2022-23). Arte e fundamentos psicanalíticos na ALCEP - Associação Livre Centro de Estudos em Psicanálise (2023-2024). Formação continuada em grupos de estudos, entrelaçando arte, psicanálise, esquizoanálise, colonialidade. Faz gestão de residências artísticas autônomas e acompanhamentos artísticos individuais desde 2019, através do Programa Pororoca.

³ Danna Durãez (São Caetano do Sul, 1976). Artista visual e fotógrafa. Pós-graduada em Fotografia Contemporânea pelo Senac/SP (2018), Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Tuiuti do Paraná (2011). Suas obras trafegam entre objetos, foto-performances, vídeos e instalações. Participou de exposições coletivas e individuais, destacando: “Trânsitos Afetivos”, Ocupação Clandestinos, Casa Namata, Belém/PA (2023); “Vestígios de um corpo em movimento”, Galeria Virtual Cawe (2022); “Memórias”, Galeria Binaria (2022); “Mirante”, Ateliê Gabinete 21, (2016); “Duplo: Objeto e Sujeito”, Sesc Osasco, São Paulo (2014), “Pensamento Visual”, Tomie Ohtake, São Paulo (2012); “Uma e Todas Elas”, Espaço Intercultural, Curitiba (2011).

medo, entre revelar e esconder, e nos impele a tentar decifrar os mistérios de seu mundo interior. Confessa sua solidão e seus abismos, e nos faz cúmplices de suas sensações.

A incompletude da lembrança - o corpo que não cabe mais - leva Danna a uma contínua e longa experimentação. Fundo de parede branca, luz natural, preto e branco, pouco contraste, capta em geral pescoço e rosto com gestos das mãos, brinca com a perda do foco. Aparecer e desaparecer. As imagens remetem à experimentação e uma atmosfera de solidão. Nesse processo, aos poucos foram aparecendo alguns objetos cotidianos como espelho, xícara, maçã e um ovo, e foi desse último que a artista começou a falar sobre marcas, feridas, cicatrizes e o processo de restauração do que foi quebrado.

Se pensarmos a relação do ovo com a história recente das artes visuais, podemos falar de Anna Maria Maiolino e Anna Bella Geiger. Para Fernanda Pequeno (2015), em Maiolino o ovo é metáfora de vida e alimento, no sentido também de excremento. A vida como o porvir, um processo de preparação para algo. Já em Geiger, na obra Ovo-cósmico, a artista explora a relação entre tempo vivido, tempo cósmico e o tempo histórico, assim como diz Clarice, no conto o ovo e a galinha: “Ver um ovo nunca se mantém no presente: mal vejo um ovo e já se torna ter visto um ovo há três milênios”.

Nas fotografias de Danna percebe-se o ovo como elemento tátil, frágil, prestes a quebrar até o ato de explodir em sua boca. Pele-casca, boca e líquido. Entramos através do ovo na subjetividade que escuta, vê, toca e expele. As fraturas aparecem na quebra da casca. Inteira e caco, a mesma vida. Podemos pensar também pela chave da sensualidade (tátil, sensorial, dorso nu, boca) em seu sentido erótico, continuidade para além de si, o ovo é o outro que compõe sua integridade frágil.